

“Eu Sou a Filha da Chiquita Bacana...” notas antropológicas sobre a Festa da Chiquita em Belém do Pará

“Yo Soy la Hija de Chiquita Bacana...” notas antropológicas sobre la Fiesta de Chiquita en Belém-PA

“I Am the Daughter of Chiquita Bacana ...”: anthropological notes about the ‘Festa da Chiquita’ party in Belém, the capital city of Pará, in the Amazon Region of Brazil.

Milton Ribeiro da Silva Filho

Resumo: este artigo versa sobre a Festa da Chiquita, evento profano caracterizado pela ampla participação de LGBT em devoção a Nossa Senhora de Nazaré, padroeira do Estado do Pará, e legitimado graças à mobilização organizativa e à prática discursiva. Nesta perspectiva, intenciona-se mostrar de que forma esta festa, realizada por elas/eles e para eles/elas, diz algo sobre as pessoas e sobre as manifestações políticas engendradas por LGBT no Brasil.

Palavras-chave: festa, LGBT, mobilização, prática.

Resumen: este artículo versa sobre la fiesta de Chiquita, evento profano caracterizado por la amplia participación de LGBT en devoción a la Virgen de Nazaret, patrona del Estado de Pará y legitimado por medio de la movilización organizacional y la práctica discursiva. Desde esta perspectiva, se propone mostrar cómo este grupo celebró por ellos/ellas y para ellas/ellos. Con todo, dice algo sobre la gente y las manifestaciones políticas engendradas por LGBT en Brasil.

Palabras clave: fiesta, LGBT, movilización, práctica.

Abstract: this paper addresses the ‘Festa da Chiquita’ party, a secular celebration characterized by the large-scale participation of the Lesbian, Gay, Bisexual and Transgender (LGBT) Community in devotion to The Lady of Nazareth, the patroness saint of the State of Pará, in the Brazilian Amazon region. The celebration is legitimized due to the mobilization, organization and discursive practice of the LGBT community. The paper demonstrates how this party held by lasses/lads for lads/lasses reveals something about the people and the political events staged by LGBT communities in Brazil.

Keywords: party, LGBT, mobilization, practice.

Milton Ribeiro da Silva Filho é Doutorando em Ciências Sociais/Antropologia do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará; Mestre em Ciências Sociais/Antropologia e Graduado em Ciências Sociais/Ciência Política (UFPA). Militante do Grupo Orquídeas. Pesquisador do Grupo NOSMULHERES e do Grupo de Estudos sobre Crianças, Infâncias e Juventudes. Colaborador do Pet/GT/CS. Membro do Grupo de Estudos sobre Mercados Populares.. **E-mail:** millor_ufpa@hotmail.com

PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES...

*Eu sou a filha da chiquita bacana
 Nunca entro em cana
 Porque sou família demais
 Puxei à mamãe
 Não caio em armadilha
 E distribuo banana com os animais
 Na minha ilha
 Yehyehyeh
 Que maravilha
 Yehyehyeh
 Eu transo todas
 Sem perder o tom
 E a quadrilha toda grita
 Yehyehyeh
 Viva a filha de chiquita
 Yeh yeh yeh
 Entre para “women’s liberation front”*

A filha de Chiquita Bacana
 (Caetano Veloso)¹

Este *artigo*² é fruto de três movimentos de pesquisa distintos, porém não divergentes. O primeiro diz respeito à pesquisa que realizei para a dissertação de mestrado, onde visava um mapeamento do “circuito GLS” da cidade de Belém e as formas de sociabilidade estabelecidas por LGBT no uso/consumo simbólico desses espaços; no momento de reflexão anterior havia englobado os dois momentos de sociabilidade festiva direcionados à população LGBT paraense, a Parada do Orgulho LGBT e a Festa da Chiquita³, no entanto, resolvi apartá-los da discussão pretendida

¹ Música-tema da Festa da Chiquita.

² Versão revista do paper apresentado no GT 32 – Sexualidade e gênero: sociabilidade, erotismo e política – coordenado por Regina Facchini (UNICAMP) e Sérgio Luis Carrara (UERJ) – do 36º Encontro Anual da ANPOCS, realizado entre os dias 21 e 25 de outubro de 2012, em Águas de Lindóia, SP, Brasil. Agradeço aos comentários do debatedor da sessão, Peter Fry. E também aos professores da disciplina “Seminário de Tese”, do PPGCS/UFPA, Maria José Aquino e Heraldo Maués, que me ajudaram na reflexão teórico-metodológica do projeto que origina este texto.

³ Ao longo do texto alternarei os tipos de referência à Festa da Chiquita, tratando-a ora por extenso, ora por “FC”, ora por “Festa” e ora por “Chiquita”; todos sem aspas.

na dissertação para tratá-los de forma isolada, como pretendido neste trabalho, onde enfatizo à Chiquita. O segundo movimento diz respeito às primeiras incursões etnográficas na Festa da Chiquita, nos anos de 2010 e 2011, e a produção das primeiras reflexões sobre este campo, deste segundo momento surgiram duas produções: um *paper* e um projeto de tese. O terceiro, diz respeito a minha participação num projeto de pesquisa que envolve duas universidades, a UFPA e a UFPE, no qual se pretende observar a dinâmica da Festa, assim como a produção de sujeitos e estética-política que envolve essa manifestação cultural. Talvez, deste *artigo*, surja um quarto e/ou quinto – uma vez que já expus uma primeira versão – movimento reflexivo, de ampliação analítico-metodológica das perspectivas que aqui proponho.

O objetivo deste artigo é apresentar a Festa da Chiquita como manifestação cultural e política originalmente criada, elaborada e direcionada ao público LGBT paraense. As transformações ocorridas ao longo do tempo serão pouco problematizadas por falta de mais dados e fontes, porém algumas (dis)tensões entre a Festa e o Estado, a Festa e o movimento LGBT, a Festa e a Igreja serão aqui problematizadas.

A partir da década de 1990, a Chiquita passa para as mãos do atual coordenador, Elói Iglesias, que propõe uma nova dinâmica a mesma. Esta nova configuração encontra-se pautada, por vezes, dentro do estabelecimento de alianças com vários setores e instituições da cidade, nos moldes do pensado pela antropóloga Regina Facchini (2003 e 2004), quando reflete sobre os tipos de estratégias adotadas pela terceira onda do “movimento homossexual brasileiro”.

Essas alianças, tecidas através da entrega de prêmios, por exemplo, possibilitam a continuidade da Festa, assim como sua visibilidade na esfera pública e política, como as várias matérias veiculadas no decorrer da semana que antecede à FC, e ao Círio, logicamente.

Porém, antes de continuarmos com as reflexões que envolvem esse campo de diálogo, vejo necessidade de apresentar um pouco dos marcos teóricos e da reflexão oriunda da pesquisa de mestrado, para só então apresentar festejo maior, no qual a Chiquita encontra-se encapsulada, a saber, o Círio de Nossa Senhora de Nazaré e as primeiras reflexões da ida a campo.

1. Aproximações Teórico-Methodológicas

Esta pesquisa insere-se nos debates sobre gênero e sexualidade, a partir de uma festa que começou como uma expressão de indivíduos que constroem identidades sociosexuais dissidentes, a saber: lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, dentre outros. E parte do referencial exposto aqui tem como objetivo ilustrar as discussões que serão desenvolvidas em diálogo com a pesquisa empírica, a ser desenvolvida na Festa da Chiquita e na Parada do Orgulho LGBTQI, entre os anos de 2012 e 2015, e a com base na análise dos materiais documentais e das entrevistas.

Assim, entendo que a sexualidade e a identidade de gênero durante o processo *outing* precisam ser “negociadas” e/ou “agenciadas”, seja na

⁴ Categorias damattianas amplamente referendadas na constituição dos espaços antagonicamente construídos: público e privado; mas que, também, já foram amplamente discutidos: o que possibilitou visões acerca da casa como um espaço público também, exemplo disso é a sala, espaço considerado como o mais público dos espaços restantes da casa.

⁵ Magnani (1998 e 2002) chamou de “pedaço”.

⁶ Entre os LGBTQI é comum a referência ao “meio”, muito mais do que ao “pedaço”; nas décadas de 1970 e 1980 o termo “gueto” assumiu descritivamente os lugares de sociabilidade GLS.

casa ou na rua⁴, no âmbito do público e do privado, levando em consideração os espaços de interseção entre as duas categorias e os dois conceitos⁵. Refiro-me a esse aspecto por ter percebido em campo a referência que se faz ao termo êmico “meio⁶”, ou seja, pertencer ao “meio” é usufruir do circuito GLS constituído em Belém. Podendo inferir que as três categorias/conceitos, *casa/privado*, *rua/público* e *meio*, possuem fronteiras fluídas e movediças, pois são espaços discursivos, onde os “dispositivos de sexualidade” acharão espaços viáveis para agir na configuração de uma sociedade disciplinada e regulada (FOUCAULT, 1997).

Na análise que faz de um bairro de Belém, o Jurunas, Carmem Rodrigues (2008b, p. 273) entende que em razão da *sociabilidade festiva* e do “grande mercado de trocas de bens materiais e simbólicos, um espaço de circulação de pessoas, saberes, dádivas e dívidas, enfim, um espaço de

circulação de capital social e simbólico” as/os sujeitas/os ribeirinhos (re) criam possibilidades de sobrevivência e estabelecimento na cidade, assim como da “apropriação de um espaço próprio, um lugar de sentido e fonte de identidade” onde articulam um “conjunto de práticas que fazem parte de uma agência cabocla para conquistar a cidade” (RODRIGUES, 2008a, p. 107).

Consigo, tendo esta visão como referência, perceber que as/os sujeitas/os do circuito GLS utilizam de diferentes agências para a diluição/ruptura do “meio” utilizando a fronteira como espaço de transgressão, de confusão que possibilite a criação, a criatividade⁷, tornando a/o indivíduo/o limítrofe em *simpatizante* para assim torná-lo suspeita/o, como aponta João Silvério Trevisan (2000). Esse caráter lúdico e artístico da sociabilidade pode ser encontrado no circuito GLS de Belém, assim como na Festa da Chiquita e na Parada do Orgulho LGBT.

⁷ Um exemplo desta criatividade está no uso e abusos do *bajubá*.

Como disse acima, na pesquisa do mestrado, quis mapear e esquadrihar algumas formas de sociabilidade que indivíduos gays e lésbicos mantinham na cidade. Para isso, vali-me de duas perspectivas teóricas que a princípio pareciam dissonantes, mas que me ajudaram a compreender as escolhas e as formas de interação de meus interlocutores: as noções de *mancha* e *circuito* e as noções de *projeto*, *trajetória* e *campo de possibilidades*. Elas ainda mostram-se válidas para eu pensar esta proposta de tese.

No primeiro par de categorias, elaboradas pelo antropólogo José Guilherme Magnani (1998 e 2002), este diz que a *mancha* é

sempre aglutinada em torno de um ou mais estabelecimentos, apresenta uma implantação mais estável tanto na paisagem como no imaginário. As atividades que oferece e as práticas que propicia são o resultado de uma multiplicidade de relações entre equipamentos, edificações e vias de acesso, o que garante uma maior continuidade, transformando-a, assim, em ponto de referência físico, visível e público para um número mais amplo de usuários (p. 23).

Enquanto que o *circuito* apresenta-se como parte desta *mancha*, ou seja, além da parte material, engloba a espacialidade, a oferta de determinados serviços, “códigos, encontros e comunicação” (COSTA, 2009, p. 18), sendo assim,

(...) uma prática ou a oferta de determinado serviço por meio de estabelecimentos, equipamentos, e espaços que não mantêm entre si uma relação de contiguidade espacial, sendo reconhecido em seu conjunto pelos usuários habituais (MAGNANI, 2002, p. 23).

Ou seja, o *circuito*, que é também determinado por questões subjetivas, pode ser realizado de diferentes maneiras, mas dentro do que enquadrei como *circuito GLS* estão basicamente os equipamentos direcionados ao público LGBT da capital paraense. Isto é, todos os locais de sociabilidade mediados pelo mercado, fazem parte deste arranjo metodológico, a saber: os bares, as boates, os cinemas, as saunas. Porém, deixei de fora os lugares que não se encontram direcionados a um público consumidor, mas que são consumidos pelos sujeitos sem, no entanto, desenvolverem relações comerciais, como as praças, os banheiros públicos, as ruas escuras, os banheiros de lojas e *shopping centers*.

Na segunda tríade de categorias, elaboradas pelo antropólogo Gilberto Velho (1995, 2003 e 2008), pude considerar aspectos mais subjetivos, principalmente das histórias de vida dos/das interlocutores/as da pesquisa. Assim, a noção de *trajetória* permitiu que eu evidenciasse seus processos de subjetivação, suas perspectivas identitárias e suas escolhas performáticas, a partir de um *projeto* de vida. E este *projeto* ligado ao *campo de possibilidades* que se apresentaram ao longo de suas histórias.

Assim,

(...) a noção de projeto procura é dar conta da *margem relativa de escolha* que indivíduos e grupos têm em determinado momento histórico de uma sociedade. Por outro lado, procurava ver a *escolha individual* não mais apenas como uma categoria residual da explicação sociológica mas sim como elemento decisivo para a compreensão de processos globais de

transformação da sociedade. Visa também focalizar os aspectos dinâmicos da cultura, preocupando-se com *produção cultural* enquanto expressão de atualização de *códigos* em permanente mudança. Ou seja, os símbolos e os códigos não são apenas *usados*: são também *transformados* e *reinventados*, com novas combinações e significados (VELHO, 2008, p. 110; grifos do autor).

Algumas características são próprias da noção de *projeto*, como “algo que pode ser comunicado”, que “para existir precisa expressar-se através de uma linguagem que visa o outro, é potencialmente público”. E “outra idéia importante é a de que os projetos mudam, um pode ser substituído por outro, podem-se transformar”. Portanto, como analisa o autor, “o ‘mundo’ dos projetos é essencialmente dinâmico, na medida em que os atores têm uma biografia, isto é, vivem no tempo e na sociedade, ou seja, sujeitos à ação de outros atores e às mudanças sócio-históricas” (VELHO, 2008, p. 29). E, ainda, “a noção de projeto (...) enfatiza a margem de manobra existente na sociedade para opções e alternativas. De alguma forma, um *sujeito* decide e escolhe um caminho específico” (p. 44).

Sobre a noção de *campo de possibilidades*, assim define Velho: “(...) trata do que é dado com as alternativas construídas do processo sócio-histórico e com o potencial interpretativo do mundo simbólico e da cultura” (2003, p. 28). E “(...) a noção de *campo de possibilidades* como dimensão sociocultural, espaço para formulação e implementação de *projetos*” (p. 40). E considera também que enxerga na

(...) noção de campo de possibilidades, a existência de alternativas e de margem de escolha e manobra, em termos de maior peso ou impulso não só em uma das duas direções mas também a viabilidade de encontrar caminhos e soluções que não possam ser encaixados em um dos pólos mencionados (VELHO, 2008, p. 79).

Com isso, pode então compreender como sujeitos se lançam no “universo gay”, num mundo que ajudará a construir sua identidade de grupo, que ajudará a criar novas possibilidades, que ajudará a construir

⁸ No caso da escola paulista, a cidade e a perspectiva da Escola de Chicago, tendo Robert Park como grande referência, aparece como objeto a ser estudado; ela não é apenas o cenário, ela é parte da cena. Na escola carioca, os sujeitos e suas interações são o principal objeto, nesta perspectiva *interacionista* sobressaem-se Erving Goffman e Howard Becker. Então, nesta tentativa de unir duas perspectivas teóricas, as da escola paulista de antropologia urbana e as da escola carioca, que constroem suas análises tendo como referencial teórico-metodológico perspectivas distintas, objetivei direcionar meu olhar etnográfico para as redes, as situações, as negociações que os sujeitos fazem com outros sujeitos e com os espaços de sociabilidade.

⁹ Frase dita por Elói Iglesias em sua primeira fala na 33ª edição da Chiquita, em 2011.

novos projetos de vida ligados a esta nova condição social: de uma vivência plena e satisfatória com sua sexualidade *desviante*⁸.

Então, a sociabilidade entre LGBT, em Belém, se desenvolve mediada pelo mercado e atualmente vive uma efervescência de lugares, sendo criados e reformulados de tempos em tempos. Estes foram os meus lugares de observação, durante a pesquisa do mestrado, enfatizando os bares e boates. Assim, pude compreender quais as motivações e redes acionadas para adentrar neste “universo”. Com relação às motivações, percebi que uma das principais referências diz respeito às questões que envolvem processos identitários, ou como chama atenção Michael Pollak (1986) para o “fazer-se gay”, isto é, aos arranjos na/da identidade ou de apêndices identitários que incorporam e que os tornam parecidos ou permitem com que façam parte do grupo ao qual se quer inserção. No que diz respeito às redes, estas estão geralmente ligadas por laços de amizade ou companheirismo, ou seja, amigos, em geral, são acionados para fazerem

parte desta nova experiência, a de frequentar bares e boates GLS.

Em vista do exposto até aqui e tendo como referência uma fala muito difundida entre os participantes da Festa da Chiquita, de que esta seria “a primeira parada gay do mundo”⁹, aponto também que se pense na Chiquita a partir das interlocuções que se faz com o Movimento LGBT do Estado do Pará, visto que nos últimos anos este ajuda na organização da Festa e na obtenção de recursos para sua realização, assim como no diálogo que mantém com os órgãos de segurança pública, à conta da organização da Parada do Orgulho LGBT da capital paraense pelo Movimento.

Na sessão que se segue, tentarei expor minimamente como a festa maior, o Círio de Nazaré, acontece para então mostrar como a Chiquita incorre em dois circuitos, o GLS e o Nazareno, pois à medida que ela está no calendário gay como um dos maiores momentos de sociabilidade pública da comunidade LGBT paraense, ela também se encontra à margem da grande festa de Nazaré; congregando ao mesmo tempo um espaço legítimo e/porém subalterno.

2. O Círio e as Festividades Periféricas

O Círio de N. S. de Nazaré é uma das maiores festas religiosas do país, agrupando na peregrinação principal quase dois milhões de pessoas. Seu mito de origem está ligado diretamente ao caboclo Plácido, que encontrou uma imagem da santa à beira de um igarapé, mas ao levá-la para casa e tentar mantê-la por lá, esta sempre retornava para onde fora achada. Neste lugar fora construída a atual Basílica de Nazaré. Esta história é recontada de várias maneiras, ora dando ênfase ao fato da santa mudar de lugar, o que explicaria as peregrinações da imagem pelos bairros, nas chamadas novenas; ora dando ênfase ao personagem que a encontrou, o caboclo Plácido, que a faria amada por todas as camadas da sociedade, sendo elevada à padroeira dos paraenses, numa elaborada imbricação entre às identidades ribeirinha, cabocla e paraense¹⁰.

Além da procissão principal, durante o mês de outubro, e já no final de setembro, a cidade passa a contar com várias procissões e festejos periféricos ao evento principal – que é a ida da berlinda que leva a imagem da Virgem de Nazaré, da Catedral Metropolitana de Belém (a

¹⁰ Na análise que faz de um bairro de Belém, o Jurunas, Carmem Rodrigues (2008b, p. 273) entende que em razão da *sociabilidade festiva* e do “grande mercado de trocas de bens materiais e simbólicos, um espaço de circulação de pessoas, saberes, dádivas e dívidas, enfim, um espaço de circulação de capital social e simbólico” as/os sujeitas/os ribeirinhos (re)criam possibilidades de sobrevivência e estabelecimento na cidade, assim como da “apropriação de um espaço próprio, um lugar de sentido e fonte de identidade” onde articulam um “conjunto de práticas que fazem parte de uma agência cabocla para conquistar a cidade” (RODRIGUES, 2008a, p. 107).

Igreja da Sé) à Basílica de Nazaré – como nos mostra o antropólogo e historiador Antônio Maurício Costa (2009):

O “Círio”, festividade religiosa surgida em Belém no ano de 1793, na verdade corresponde somente às procissões mais importantes que inauguram a Festa de Nazaré, na véspera e durante o segundo domingo de outubro. A Festa de Nazaré compreende vários eventos religiosos, tais como: traslado da imagem em carro aberto para Ananindeua (Município da Região Metropolitana) dois dias antes da procissão principal; “Romaria Rodoviária” para o porto de Icoaracy, distrito de Belém; “Romaria Fluvial” saída de Icoaracy em direção ao porto de Belém; “Romaria dos Motoqueiros” [ou Moto-Romaria, como é chamada atualmente] saída do porto de Belém em direção ao Colégio Gentil Bittencourt; “Descida da Imagem” [do Glória], cerimônia na Basílica de Nazaré após a Romaria dos Motoqueiros; “Trasladação”, segunda procissão mais importante do Círio, quando no fim da tarde do sábado é conduzida a imagem da santa do Colégio Gentil à Catedral da Sé, no bairro da Cidade Velha; “Procissão matinal do Círio de Nazaré” no segundo domingo de outubro, saída da Catedral da Sé, em direção à Basílica de Nazaré, no bairro de Nazaré; “Círio das Crianças”, realizado no primeiro domingo após o Círio principal; “Procissão da Festa”, ocorrida no segundo domingo após o Círio principal; “Missa de Encerramento”, no segundo domingo; “Fogos de Encerramento”, após a missa final; “Subida da imagem” (ao Glória, localizado no altar principal da Basílica de Nazaré, na segunda-feira seguinte à missa de encerramento); “Missa de Despedida”, ocorrida após a subida da imagem; “Recírio”, procissão final em que a imagem [peregrina] retorna ao Colégio Gentil, ocorrida após a Missa de Despedida; “Incineração das Súplicas”, em que os pedidos dos devotos depositados durante a festividade junto ao nicho da santa na praça santuário em frente à Basílica de Nazaré são queimados pelos diretores da festa de Nazaré. Ao lado destes eventos se destaca a presença do arraial, que constitui um parque de diversões montado ao lado da Basílica de Nazaré e que funciona durante os quinze dias de festividade e é gerido pela Diretoria da Festa de Nazaré. Outros eventos importantes ocorrem na cidade neste período condicionados à presença do Círio, mas que não possuem ligação direta com a organização deste evento, dentre eles os mais importantes: “Auto do Círio”, espetáculo teatral encenado em movimento nas ruas do bairro da Cidade Velha, dois dias antes da procissão principal e que faz uma paródia carnalizada do Círio; e a “Festa da Chiquita”, ocorrida na véspera da procissão principal e num trecho do seu percurso (Rua da Paz, em frente ao Teatro da Paz, à margem da Avenida Presidente Vargas), na noite de sábado para domingo, é um evento voltado principalmente ao público homossexual, em que ocorrem apresentações de cantores regionais, de

grupos folclóricos, shows de travestis, entrega de prêmios artísticos, dentre outros (COSTA, 2009, p. 180, nota de rodapé 124; grifos meus)¹¹.

Mediante esta citação, podemos visualizar a miríade de acontecimentos durante a Quadra Nazarena. Várias categorias profissionais, instituições, distritos municipais realizam eventos em adoração à Virgem. Ao longo dos últimos anos, surgiram manifestações que envolvem, por exemplo, categorias profissionais ligadas ao transporte, como a Romaria Fluvial e a Moto-Romaria, descritas acima.

Alguns autores (ALVES, 1980; AMARAL, 1998; COSTA *et al*, s/d; LIMA, 2005; MAUÉS, 2000; PANTOJA, 2006;) debruçaram-se sobre a procissão principal, o Círio de Nazaré, do ponto de vista histórico, no entanto, nenhum trabalho histórico, e muito menos etnográfico, se ocupou das demais festividades descritas na citação¹², como a Festa da Chiquita por exemplo, que proponho como tema neste projeto.

Diante do exposto acima, menciono que, Isidoro Alves (1980) foi o responsável por difundir o termo pelo qual o Círio ficou conhecido, “Carnaval Devoto¹³”; Rita Amaral (1998, p. 14) afirma que o período do Círio age a partir de “mediações simbólicas entre o sagrado e profano” e que revela o “poderoso caráter lúdico da parte profana da festa para a Virgem” (p. 15); Francisco Costa e outros (s/d) analisam o período da quadra nazarena a partir da movimentação econômica atrelada à fé; Heraldo Maués (2000) a partir de uma

¹¹ Esta citação faz parte de uma pesquisa sobre o *círio brejeiro* na cidade de Belém, realizada por Costa (2009), que dedica um capítulo para discutir como este circuito desenvolve-se dentro da Festa de Nazaré. Porém, o recorte deste trabalho está em enxergar a Festa da Chiquita como um campo de pesquisa possível, uma vez que vem sido tratado de maneira subalterna pelas pesquisas que envolvem o Círio de Nazaré.

¹² Até o momento além dos trabalhos sobre o Círio, encontrei apenas dois TCCs sobre o Auto do Círio, dois TCCs sobre a Chiquita e uma dissertação incompleta; destes últimos sobre a FC nenhum tem um caráter etnográfico, limitando-se apenas ao campo da comunicação.

¹³ Embora Antônio Maurício da Costa (2009, p. 183) tenha afirmado que surgiu das mãos do romancista Dalcídio Jurandir e que tenha ganhado notoriedade pelos escritos de Eidorfe Moreira. E completa que na “visão de Alves, destacam-se ao lado dos atos litúrgicos do Círio os momentos de encontro (visitas dos parentes e amigos do interior e de outros estados, por exemplo), de solidariedade (exemplificada por gestos de amizade entre desconhecidos na procissão) e de neutralização das diferenças (isto é, a hierarquia social é mantida na festa, mas é embotada pelos valores religiosos mais genéricos que envolvem a festa). É desse modo que deve ser entendida a metáfora da carnavalescação de Alves, considerando o espírito de comunidade instalado nos quinze dias de festividade e presente nos seus locais de celebração, semelhante àquele presente no carnaval brasileiro, tal como discutido por DaMatta (1999)” (p. 184).

perspectiva que olha a festividade como reminiscência das que eram feitas em Portugal desde o século XVII; e Vanda Pantoja (2006, p. 41), a partir de uma etnografia junto à Diretoria da Festa de Nazaré, chega a definir a relação desta com a Festa da Chiquita como *conflituosa*, por ser um evento organizado por “homossexuais e simpatizantes” que estariam em desacordo sobre o tipo de homenagem que se pretende prestar à Santa; esta última autora e Francisco Costa e outros são umas/uns das/dos poucas/os que olham para a Festa da Chiquita, mesmo que de forma incipiente.

No entanto, somente duas são consideradas de caráter estético-político, a Festa da Chiquita e o Auto do Círio. Este último, realizado por pessoas ligadas às artes cênicas e teatrais transformam as ruas do bairro da Cidade Velha em palco para apresentações que brincam com as referências míticas do Círio, unindo num mesmo cortejo deuses e demônios, fadas e elfos, bruxas e magos, realidade e fantasia, mito e místico.

Assim, o evento principal acaba atraindo grande visibilidade, tanto acadêmica quanto midiática (e comercial), tendo sido objeto de pesquisas nas áreas das ciências humanas e sociais, turismo, serviço social, economia; podendo ser considerado mesmo como um “fato social total”, nos modos *maussianos*; por isso, tanto interesse na festa, que modifica a economia, o comércio, o deslocamento, o turismo e a mídia na capital paraense.

Como uma das grandes referências para pensar a identidade paraense, o Círio, e as comidas típicas da época, como a maniçoba e o pato no tucupi, esta acaba por evidenciar o poder e o raio de influência da Igreja Católica na cidade e nas pessoas; vide os conflitos desta com o Auto do Círio e a Festa da Chiquita.

Este fato é corroborado quando assistimos o documentário “As filhas da Chiquita” (2006), dirigido por Priscilla Brasil, no qual são retratadas as tensões entre as pessoas envolvidas direta e indiretamente com a Festa. Às ligadas diretamente, têm em Elói Iglesias a figura representativa, sendo

a fala deste sempre marcada pela conciliação entre os discursos pela manutenção da Chiquita e a recusa da Igreja em englobá-la como parte do Círio; algumas pessoas ligadas à origem da FC, antes um bloco no estilo carnavalesco, também tem espaço para manifestar-se, contando as origens e acontecimentos que deram forma ao evento. Às ligadas indiretamente, são representadas por um padre e por uma aparente simpática senhora, moradora das imediações da Praça da República, onde se monta o palco da Festa.

As falas do padre e da senhora representam tipos de pensamento que enquadram a Chiquita num lugar de abjeção, de pecado, de perigo - e quase crime. A ideia de que a FC desrespeita o Círio, de que é uma “pouca vergonha”, de que só tem gente de segunda categoria, encontra-se em oposição ao Círio como lugar de beleza, de pureza, de limpeza.

As representações tanto do Auto do Círio quanto da Festa da Chiquita resvalam na categorização de suas estéticas, que brincam com o grotesco, com o deboche, como sendo absurdas para o contexto e os eventos encapsulados nas festividades nazarenas. Para isso ser resolvido é preciso, então, descartá-las, eliminá-las, excluí-las do calendário oficial, da rua, da praça e da cidade.

Por vezes, os símbolos sagrados para os cristãos viram alvo de deboche e escárnio dos partícipes das duas manifestações. Também não é incomum vermos figuras demoníacas, representações do “mal”, através de outros seres, ou representações que disputam a hegemonia do cristianismo, como o candomblé, a umbanda, a mina serem encenadas pelas ruas, durante o Auto do Círio, ou no palco da Chiquita.

Os figurinos do Elói Iglesias, figura central da FC, por vezes aproveitam-se da “estética do mal” para serem fabricados e representados e que, posteriormente, ajudam na encenação de quem os vestem. Um exemplo disso, é que em anos anteriores, o apresentador da FC apareceu com longos chifres, numa aceção clara à figura demoníaca, amenizada pelas cores claras; numa clara alusão à dualidade que envolve a manifestação principal, o Círio, e a Chiquita com noções como: claro e escuro, bem e

mal, deus e diabo, puro e impuro, sacro e profano; como podemos ver na foto abaixo:



Foto 1: Elói na Chiquita de 2009.

Fonte: Blog Bêbado Gonzo; acesso 15 out 2012.

Sendo assim, a Chiquita, neste sistema, representaria o mal. Sendo exortada pela Igreja, como no relato do padre no documentário, quanto a ala mais conservadora e tradicional da sociedade paraense, representada neste vídeo, pela senhora, que aparenta estar na casa dos 80 anos, e que teme que a Chiquita prossiga, mesmo depois de 30 anos de existência.

Considerando o “campo festivo” que a festividade de Nazaré representa, mantendo ao redor pequenos festejos subalternos, como as festas de aparelhagem (estudadas por Costa, 2009), as romarias fluvial, rodoviária e moto-rodoviária e outras, as festas com propósito estético e político, como o Auto do Círio e a Festa da Chiquita, mantém certa autonomia, ruptura (e por que não de continuidade?), por não estarem oficialmente vinculadas à manifestação principal, através do calendário

oficial, mas manterem-se simbolicamente atreladas, tanto ao mito quanto a mística.

Como dado de pesquisa, é possível afirmar que a Igreja tenta a todo custo manter a Chiquita (e o Auto do Círio) na invisibilidade, apartados do calendário oficial, fato esse verificável a partir do acesso ao site mantido pela organização do Círio.

Para um panorama geral da FC, na próxima sessão, falarei um pouco sobre sua origem, apoiado em fontes diversas, como jornais, blogs, produções audiovisuais (documentários e vídeos amadores, disponibilizados no Youtube¹⁴) e conversas informais com pessoas que participaram dos primeiros e dos momentos seguintes da Chiquita.

3. A Filha da Chiquita Bacana: mito de origem

Entre os anos de 2010 e 2011, desenvolvi pesquisa etnográfica sobre a sociabilidade LGBT¹⁵ no interior do circuito¹⁶ GLS¹⁷ de Belém e pude constatar os usos que são feitos destes “espaços de segurança”, onde englobo tanto os espaços dos bares, boates, saunas, cinema e afins, como as duas manifestações de sociabilidade pública que ocorrem na capital paraense: a Festa da Chiquita e a Parada do Orgulho LGBT. Porém, na dissertação não me detive na análise do material de campo realizado na Festa em 2010 e 2011, apenas fazendo referência a maneira como os interlocutoras/es daquela pesquisa mantinham relações de sociabilidade e construíam subjetividades homoeróticas a partir do uso/consumo desses dois momentos de sociabilidade pública e festiva.

¹⁴ Site de arquivamento e compartilhamento de vídeos.

¹⁵ De Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais; de acordo com convenção adotada pelo movimento social organizado

¹⁶ Circuito tomado “a partir da intervenção investigativa do pesquisador e não como uma realidade detentora de um significado ‘lógico’ preexistente à observação. A experiência dos atores no circuito só se torna inteligível ao tomarmos como parâmetro a intervenção do pesquisador e sua relação com a vivência em campo” (COSTA, 2009, p. 19).

¹⁷ De Gays, Lésbicas e Simpatizantes; de acordo com a convenção adotada na academia e na militância esta sigla é operacionalizada quando se fala em mercado; em contraste com a sigla LGBT que refere-se ao movimento social.

Portanto, o direcionamento da pesquisa anterior foi para os bares e boates, sendo a Festa da Chiquita englobada no circuito por ser um evento (re)conhecido como um *momento de resistência* dentro da festividade nazarena: por ter um calendário fixo, o segundo sábado do mês de outubro, que proporciona um agendamento para participação à Festa; assim como a sua ampla divulgação no interior do *círculo GLS* as proximidades do evento, através de panfletos e cartazes.

Iniciada entre os anos de 1975 e 1976, como o nome de “Festa da Maria Chiquita”, ela reunia um grupo de boêmios, intelectuais, acadêmicos, artistas, jornalistas, fotógrafos, curiosos, etc. No entanto, era apenas um bloco carnavalesco. Porém, a partir de 1978, ano em que a festa foi transferida para o sábado da Trasladação, e devido às mudanças na estrutura

¹⁸ “A DF não somente omite alguns eventos do Círio em seus documentos de divulgação da festa, como não reconhece alguns desses, notadamente a Festa das Filhas da Chiquita, como atividade relacionada ao Círio de Nazaré. No entanto, independente do reconhecimento ou não da DF, estes eventos, para a maioria das pessoas já são parte do Círio e, mais ainda, todos esses eventos acontecem à revelia da organização oficial do Círio, o que nos permite pensar, se formos considerar o Círio na sua totalidade, em um processo de organização paralelo ao da DF, que, mesmo sem solidariedade entre si acabam por dar contornos à festa como um todo.” (PANTOJA, 2006, p. 42).

¹⁹ Concentrada na figura do cantor paraense Elói Iglesias.

e organização, a Chiquita transformou-se num dos eventos não-religiosos que fazem parte do calendário de comemorações religiosas do Círio de Nazaré.

Em 2004, o IPHAN registrou o Círio de Nazaré como patrimônio imaterial. Nesta ocasião todas as demais procissões e festividades relacionadas à Festa de Nazaré, que ocorrem durante a quinzena, foram incorporadas no tombamento, porém a Chiquita foi, num primeiro momento, alijada do processo. E a partir de uma disputa envolvendo a Igreja e a organização da Chiquita, esta conseguiu o direito de entrar no processo de tombamento e agora faz parte das comemorações do Círio¹⁸

É interessante perceber que o *discurso do tombamento* mantém-se presente na fala da atual organização-geral da Festa da Chiquita¹⁹, pois quando perguntado sobre a continuação ou permanência da Chiquita no lugar de origem

(Rua da Paz, em frente ao Teatro da Paz) esta sempre recorre ao processo de tombamento para afirmar que a “Festa da Chiquita é parte do Círio e por isso não pode ser extinta”.

Sobre o *processo de tombamento*, Maria Dorotéa Lima (2005), coordenadora pelo IPHAN do Inventário do Círio de Nazaré, diz que

Considerando, portanto, que a revisão do processo de registro do Círio será realizada a cada dez anos e, ainda, diante das atribuições do IPHAN perante os bens registrados, ficaram identificados e destacados no registro de *elementos estruturantes* da festa – aqueles sem os quais o Círio não existiria – das *expressões contemporâneas* a ela associadas. Excetuando-se a igreja e a diretoria da festa, que revelaram insatisfação pelo fato do inventário documentar também as manifestações profanas, principalmente a Festa da Chiquita, para os paraenses, de modo geral, essa distinção não fez a menor diferença. Todos, inclusive os responsáveis pela organização dos demais bens associados à festividade, sentiram-se contemplados pelo título nacional conferido ao Círio de N. S. de Nazaré, manifestando publicamente, através de faixas ou de discurso, durante a realização dos eventos em 2004, a nova condição de patrimônio cultural brasileiro.” (p. 67, grifos da autora)

No entanto, numa rápida pesquisa no site mantido pela organização do Círio não há menção alguma à Festa da Chiquita, demonstrando neste caso as tensões advindas da permanência de uma festa “profana” dentro de um movimento tido como “sagrado”²⁰.

Por ocasião da pesquisa realizada pelo IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – no município de Belém que resultou na inscrição do Círio como Patrimônio da Cultura Imaterial no Livro das Celebrações desse Instituto, houve uma verdadeira guerra de bastidores entre DF e IPHAN visto que a primeira não reconhecia a Festa das Filhas da Chiquita, dada sua suposta natureza de festa profana, como um dos “bens associados” ao Círio, classificação atribuída pelo IPHAN após pesquisa. (PANTOJA, 2006, p. 42, nota de rodapé 49)

²⁰ Esta tensão vivida entre a Igreja Católica e a organização da Festa da Chiquita é mostrada no documentário “As Filhas da Chiquita” (2006), de Priscila Brasil, que de uma forma quase etnográfica demonstra a partir de depoimentos os conflitos resultantes da *insistência* em manter a Chiquita no dia e local habitual, além de mantê-la atrelada ao Círio, como uma das suas manifestações.

Existem outras tensões que precisam ser resolvidas ano após ano para a manutenção da Chiquita, e não só a que envolve a Diretoria da Festa de Nazaré, mas a que envolve a Secretaria de Urbanismo de Belém (SEURB), o Departamento de Polícia Administrativa (DPA) e outros órgãos da administração metropolitana que alegam alguns problemas para a manutenção da Festa, como: o consumo de bebidas alcoólicas responsável por deixar a Praça da República (onde fica situado o palco da Festa) suja com garrafas quebradas e outros objetos perfuro-cortantes, que ocasionariam lesões principalmente nos pés dos devotos da Santa na manhã do dia seguinte; o desgaste das pedras portuguesas que fazem parte

²¹ Além destas reclamações, a organização da Festa de Nazaré pediu o encurtamento no tempo da Chiquita pelo fato de que ao amanhecer muitos participantes ainda se encontravam na Praça da República ocasionando transtornos à procissão. Esses imbróglios foram, todos, devidamente expostos por Elói Iglesias assim que a Festa da Chiquita de 2010 começou.

²² Alguns momentos de intolerância foram presenciados por mim, nos dois momentos de pesquisa de campo que realizei, nos anos de 2010 e 2011.

da calçada frontal do Teatro da Paz, símbolo da *Belle Époque* na Amazônia, e protegidas por lei; assim como, a incidência de assaltos, confusões e brigas²¹.

Apesar da visibilidade das pessoas LGBT na Festa da Chiquita, da frequência cada vez mais “tolerada e permitida” em boates, bares, saunas, cinemas, clubes e festas e do fortalecimento dos contatos e das redes sociais (*online* ou *off-line*) existe uma intensa manifestação no sentido contrário, externalizada em atos do que podemos chamar de homofobia institucional, como os descritos acima, operados por indivíduos e instituições contrárias às manifestações homoeróticas, isto é, a quaisquer divergências em relação às combinações impostas como “naturalmente determinadas” colocando os sujeitos que a expressam em lugar de desvantagem social; num período do ano, particularmente interessante em Belém, pois é o momento de maior sensibilidade religiosa à conta do Círio de Nazaré²², ou, como nos diz Alves (1980), neste momento de “carnaval devoto”.

4. Uma Chiquita Dentro da Festa: etnografando com as divas²³

A Festa da Chiquita acontece todo ano, no sábado, que antecede a procissão do Círio de Nazaré²⁴, à noite, após a Trasladação, e começa quando a Berlinda que leva a imagem de Nossa Senhora de Nazaré passa pelo Bar do Parque, na Praça da República, entre as avenidas Presidente Vargas e Assis de Vasconcelos, no centro da capital paraense, ponto central para quem quer presenciar as manifestações; a imagem abaixo é uma panorâmica desta praça.



Imagem 2: Praça da República

Fonte: Google Earth, 2011.

²³ O tema da Festa da Chiquita em 2010 era “As Divas”, pois a ideia era homenagear “Mara Rúbia, vedete paraense, que fez sucesso nacionalmente nos anos 1950” (cf. Diário do Pará Online, 2010)

²⁴ A procissão do Círio acontece no segundo domingo de outubro, pela manhã, e faz o sentido inverso à Trasladação. Enquanto que esta “leva” a imagem peregrina de Nossa Senhora de Nazaré até a Catedral Metropolitana de Belém (Igreja da Sé), no sentido Nazaré-Cidade Velha, a primeira faz o contrário, retornando com a imagem para a Basílica de Nazaré, sentido Cidade Velha-Nazaré. A Trasladação acontece nas noites do sábado que antecede ao Círio e o próprio Círio acontece aos domingos pela manhã, sempre no segundo domingo do mês de outubro.

²⁵ Na tentativa de entender esta manifestação cultural e política, que se tornou a Festa da Chiquita, realizei nos anos de 2010 e 2011, à conta da pesquisa para a dissertação de mestrado, mas, também, por ocasião da minha participação na pesquisa “*Performatividades de gênero, violência e sexualidade em movimentações político-culturais: a produção de sujeitos e estéticas políticas em Belém e Recife*” – coordenada pelo Prof. Dr. Benedito Medrado, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), em parceria com o NosMulheres, da Universidade Federal do Pará (UFPA), coordenado pela Profa. Dra. Mônica Conrado, e o Grupo Orquídeas, sendo eu membro de ambos –, campo etnográfico a fim de subsidiar a produção deste projeto; e que resultou também em *paper*, apresentado no XI Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, realizado em 2011, em Salvador-BA, com os primeiros apontamentos deste campo de pesquisa.

²⁶ Nos anos anteriores nesta parte ficavam os estandes do Movimento LGBT do Estado do Pará, da CLOS (Coordenadoria de Proteção à Livre Orientação Sexual) da SEJUDH (Secretaria de Estado de Justiça e Direitos Humanos) e do Centro de Referência; havia, no entanto, uma circularidade de instituições que habitavam este espaço nos dias de Chiquita.

Na noite do segundo sábado do mês de outubro de 2010, depois de combinar com amigos/as, cheguei num grupo de quatro pessoas à Praça da República, onde nos esperavam um casal de amigas lésbicas. Elas já estavam acomodadas em frente ao palco, próximo ao carro Corpo dos Bombeiros – que estava ali para as últimas vistorias no palco e nos andaimes montados para servirem de camarote no Círio, que acontece no dia seguinte, na manhã de domingo – nos esperando²⁵.

Durante o trajeto que fiz de casa até a Praça, pude presenciar o retorno de muitas pessoas da Trasladação, na maioria jovens, com algum emblema (camisas, bonés, abanadores, etc.) em homenagem a Nossa Senhora ou ao Círio.

Detive-me num ponto onde era possível ver, de acordo com a Imagem 2 (abaixo), na minha frente: o palco (ponto 1, no mapa abaixo); do lado direito: o Bar do Parque; do lado esquerdo: a continuação da Praça da República; e atrás: a fachada do Hilton Hotel.

O primeiro lugar de fixação (ponto 1) impossibilitava a observação do que acontecia atrás do palco²⁶ ao mesmo tempo em que eu não conseguia ter uma visão mais global da Festa. Essa visão mais global só veio depois que eu mudei de ponto de observação (ponto 2), aí já sem parte do grupo com quem cheguei na Chiquita. Além, de estar em um ponto diferente para observar a Festa, eu estava também em um

“plano mais elevado”, pois existe um canteiro em frente ao Hilton Hotel que serviu de palanque para que amigxs, conhecidxs e eu pudéssemos observar a Chiquita um pouco mais de cima.

Com essa observação, pude entender que a Festa não se concentrava apenas nos arredores do palco, mas numa extensão maior, percebida também quando deixei a Festa. Essa área de influência pode ser visualizada a partir do círculo vermelho na imagem abaixo, porém sua extensão tende e pode ser maior, pois a cada ano a Chiquita adquire novxs adeptxs.

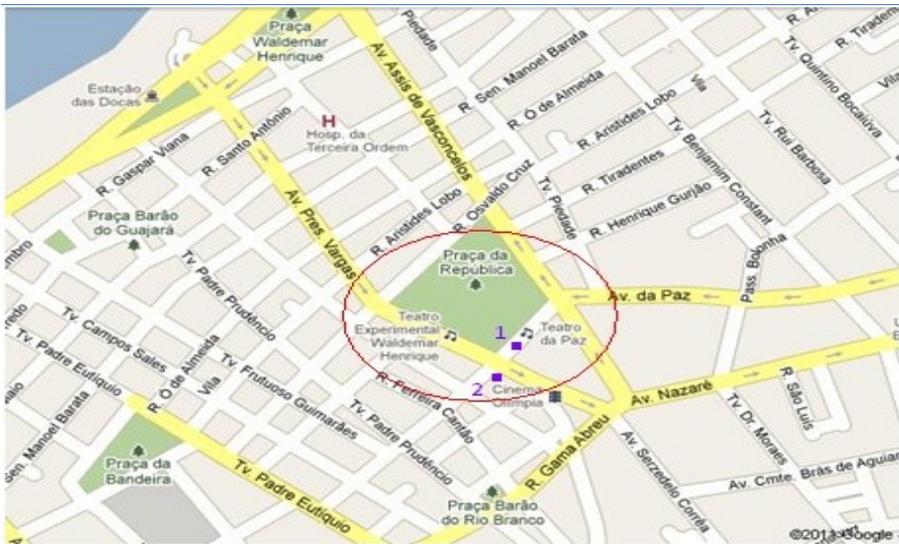


Imagem 3: Praça da República

Fonte: Google Maps, 2011.

A rua em que se encontra montado o palco, em 2010, é a mesma dos anos anteriores (Rua da Paz), mas de acordo com a organização uma das formas encontradas para controlar a Festa da Chiquita, que comemorava 32 anos, foi a diminuição da dimensão do palco: dos antigos 12 metros para os atuais 7 metros. Para ganhar espaço montaram uma plataforma que ascende em momentos oportunos, como os dos shows de *dragqueens*. Elói Iglesias, organizador da Chiquita atualmente, em entrevista dada ao jornal Diário do Pará, demonstra sua insatisfação:

Diminuímos o tamanho do palco de 12 para 7 metros, mas a secretaria queria que fossem 2 metros e embaixo de um fio de alta tensão. Já diminuímos e encurtamos a duração da festa. O problema é que ninguém conversou com a gente, isso foi instituído e pronto. Mas todos somos filhos de Deus e temos o direito de nos expressar. A ditadura acabou (Elói Iglesias *in* Diário do Pará Online, 2010)

Esperando o início da Festa, ficamos conversando sobre como esse ano iria se desenrolar a Chiquita, uma vez que além da redução no tamanho do palco os “controladores” resolveram encurtar o tempo da mesma, encapsulando o “fervo” até as 2h30 (o que de fato aconteceu). Os motivos expostos pelos órgãos oficiais, neste caso a Secretaria de Urbanismo de Belém (SEURB), eram de que a Festa da Chiquita, devido ao consumo de bebidas alcoólicas, deixava a Praça suja com garrafas quebradas e outro objetos perfuro-cortantes, que ocasionariam lesões principalmente nos pés dos devotos de Nossa Senhora na manhã do dia seguinte.

Então, além dessa reclamação, a organização da Festa de Nazaré pediu o encurtamento no tempo da Chiquita pelo fato de que ao amanhecer muitos participantes ainda se encontravam na Praça da República ocasionando transtornos à procissão. Esses imbróglis foram, todos, devidamente expostos por Elói Iglesias assim que a Festa começou.

Elói aparece no palco vestido com um *corselet* e arranjo de cabeça com paetês brancos e verdes e às costas trás um arranjo feito com plumas brancas e negras, conforme foto abaixo (Foto 1). A primeira música que ele canta é “Ideologia”, composição famosa na voz de Cazuza. Em sua primeira fala, chama atenção para o ano eleitoral e para a importância de se eleger bem os “nossos representantes”. Observo que ao interpretar uma música que fala, sobretudo, da falta de expectativa e clama por uma ideologia “pra viver” o público entusiasma-se e externaliza através de aplausos, assovios e gritos uma concordância com as falas do cantor. No decorrer deste primeiro discurso, ele faz referência à quantidade de jovens presentes na Festa, alertando-os para uma possível mudança na conjuntura

do país, por meio do voto, e faz menção ao marcador raça ao afirmar que são “mais de 20% da população”.



Imagem 4: Elói Iglesias na Festa da Chiquita de 2010.

Fonte: Blog Santa Luzia Ponto Com.

A Festa da Chiquita volta-se, sobretudo, aos segmentos de classe, cor/raça, gênero e orientação sexual que dificilmente poderiam existir em sua diversidade em qualquer outro espaço social (seja de lazer, de trabalho etc.) ao se divertirem em plena comemoração oficial da cidade, sem estarem, inclusive, comprometidos/as com uma pauta reivindicatória de mobilização política, mas com uma estética politicamente situada a partir da qual se exerce o direito de se divertirem em praça pública (a da República), de verem *a santa passar*, de estarem fazendo parte de uma das festas (a da Chiquita) no meio de sua agenda de comemorações do Círio, ou fazendo parte de uma festa anticatólica (MEDRADO, 2010).

A sequência de música cantada por Elói remete ao rock brasileiro com viés mais politizado, pertencente aos anos 1980, e exemplificado na canção “Exagerado”, música de Cazuza. Às outras músicas, se juntam: “Maladragem”, famosa na voz de Cássia Eller e lembrada pelo público com grande festejo; a música tema “As Filhas da Chiquita Bacana”, composição

de Caetano Veloso (apresentada no início deste artigo); ”Uirapuru”, música de Waldemar Henrique (que na hora não lembrava o nome e por conta disso anotei no diário de campo somente o primeiro verso, que diz: “Certa vez de montaria eu desci o Paraná...”); “Segundo Sol”, outro sucesso

²⁷ “Leona, a assassina vingativa” é uma trilogia novelística baseada nos dramalhões mexicanos e filmadas na periferia de Belém, mais exatamente no bairro do Jurunas, por ator@snão-profissionais e com câmeras de celulares. Virou sucesso no site de compartilhamento de vídeos Youtube, extrapolando até mesmo o sucesso conquistado em Belém. A “Leona” na verdade é o menino Leandro, de apenas 12 anos, que já foi matéria de jornais locais. A rede de personagens da “novela” incluem: a “Aleijada hipócrita”, a “Delegada Daphny”, o famoso “Geraldo”, etc. As referências à cidade de Paris e aos dramalhões mexicanos são recorrentes, sendo que a chamadas da personagem são todas feitas ao som das chamadas da novela “A Usurpadora”, novela famosa quando exibida no SBT.

na voz de Cássia Eller; “Pecados de Adão”, música de sucesso na carreira do cantor e muito lembrada pelos participantes, que a cantam com Elói, pois fala de lugares e situações de Belém e do interior do Estado do Pará; além das músicas consideradas verdadeiros “hinos” para a população LGBT e que ainda tem força (ou “comovem” como anotei em diário de campo), como por exemplo “I will survive”. As apresentações em palco ainda contam com a presença de um grupo de carimbó Borboletas do Mar, de Marapanim, interior do Estado do Pará, que se apresenta desde as primeiras Festas da Chiquita, além dos shows das *drag queens* Divina Aloma, Glenda Águila, Nicole Gatti, etc. e de *gogo boys*.

Na parte dedicada aos prêmios, presenciei com surpresa a criação das categorias “Revelação do Youtube”, criada para homenagear Leona (a assassina vingativa)²⁷, que subiu ao palco rapidamente, e “Visagista do Ano”, que foi para Nelson Borges; este trouxe ao palco um modelo masculino com uma de suas pinturas corporais. Os demais prêmios já são tradicionais e estão relacionados às pessoas que divulgam e apoiam a causa LGBT, assim como as parcerias em iniciativas tais como, por exemplo, qualquer tipo de ajuda à Festa da Chiquita.

Sendo assim, em 2010, os prêmios foram distribuídos conforme quadro abaixo:

Premiados/as	Prêmios
Lucinha Bastos (cantora)	Rainha do Círio ²⁸
Katarina Ávila (cantora)	Botina de Prata ²⁹
André Lima (estilista)	Veado de Ouro ³⁰
Mariana Belém (cantora)	Walter Bandeira ³¹
Bernardino Santos (jornalista)	Mauro Faustino ³²
Leitão (Coronel, Comandante da PM/PA)	Amigo da Chiquita ³³
Leona (Leandro)	Revelação do Youtube
Nelson Borges	Visagista do Ano

Quadro: Premiados/as em 2010.

Fonte: Pesquisa de campo, 2010.

Durante a Festa presenciei alguns momentos de tensão, como: o medo de ser agredido por um dos rapazes que estavam em grupo ao meu lado ou por qualquer outra pessoa, mesmo estando em um momento de sociabilidade LGBT, mas que não era majoritário; o pânico causado por um grupo de pessoas, enquanto eu estava atrás do palco tentando “observar” mais, que passou carregando um jovem que teria sido vítima de alguma agressão; e a presença do meu grupo que fazia anotações constantes e era “observado” pelos outros participantes da Chiquita.

No final da Chiquita, na Avenida Presidente Vargas, em meio ao percurso até o ponto de táxi, próximo às arquibancadas montadas para o Círio, a Polícia Militar estabeleceu uma espécie de QG, onde ficavam detidas as pessoas que tinham causado confusão e/ou tinham sido acusadas de furto, um policial

²⁸ Criado para homenagear a/o destaque artístico e/ou personalidade pública da capital paraense.

²⁹ Criado para homenagear a mulher lésbica com maior destaque no ano.

³⁰ Criado para homenagear o homem gay com maior destaque no ano.

³¹ Criado para homenagear a personalidade paraense de maior destaque.

³² Criado para homenagear o comunicador de maior destaque.

³³ Criado para homenagear o poder público, personalidade, artistas, etc. que se destaca no apoio da Festa da Chiquita.

ao me ouvir falar em “elza” perguntou se “elza” era sinônimo de “ladrão”, no que acenei afirmativamente ele e outros companheiros de farda começaram a rir.

5. Primeiras Reflexões...

O respeito à diversidade deveria ser o ponto alto, porém a intolerância ainda é presente, como no caso da frase exclamada por um dos rapazes do grupo que estava ao meu lado: “Isso é uma boate gay, cara?!”.

³⁴ Frase dita por Elói Iglesias em sua primeira fala na 33ª edição da Chiquita, em 2011.

Esta frase foi dita num misto de espanto e incredulidade ao presenciar cenas de homoerotismo embaladas pelos “hinos gays”. Ao passo que pode parecer paradoxal, mas durante a apresentação de Divina Aloma os mesmos, incluindo o que dissera a frase, referiam-se a ela gritando “gostosa”, enquanto ela dublava Donna Summer. Isso faz com que eu entenda que são sujeitos que desconhecem a história, o conteúdo, as reivindicações e as práticas daquela manifestação cultural, podendo ser exemplos tanto a frase do rapaz quanto a risada do policial.

Em vista do exposto acima e tendo como referência uma fala muito difundida entre os participantes da Festa da Chiquita, de que esta seria “a primeira parada gay do mundo³⁴”, proponho também que se pense na Chiquita a partir das interlocuções que se faz com o Movimento LGBT do Estado do Pará, visto que nos últimos anos este ajuda na organização da Festa e na obtenção de recursos para sua realização, assim como no diálogo que mantém com os órgãos de segurança pública, por conta da organização da Parada do Orgulho LGBT da capital paraense pelo Movimento.

No entanto, há na cena urbana a presença de indivíduos que *brinquem com o perigo*, que utilizem a *ética do grito ou do basfonds* e que assumam “papéis que podem ser alvos de violenta discriminação em certos domínios, mas que encontram situações e lugares onde possam ser desempenhados com relativa segurança” (Velho e Machado, 1977). Um exemplo é a própria Festa da Chiquita e a presença nela de “michês”, “barrocas”, boys, travestis,

etc. que foi sentida mais fortemente quando eu passei a observar a Festa na frente do Hilton Hotel; esses sempre acompanhados de amigos (de “grupo de amigos”).

Este momento de “festa dentro da festa” pode ser entendido como fruto de reivindicação e afirmação política de sujeitos homoeróticos que tomam a Praça da República assim que passa a Trasladação em direção à Catedral Metropolitana de Belém, tudo isso envolto numa atmosfera onde a noite representa um papel importante por: **permitir** que as travestis, *drag-queens*, transexuais, lésbicas, gays, bissexuais e outros “carnavalizem” suas performances em plena noite de sábado, antes do domingo do Círio, no mês de outubro, no centro de Belém; **contestar** o “anonimato relativo” das sexualidades dissidentes, visto que, atualmente, o exagero faz parte da festa; e **estabelecer** um caminho de respeito e dignidade ao promover durante a festa os prêmios “Veado de Ouro”, “Botina de Prata”, “Amigo da Chiquita” e “A Rainha do Círio”.

REFERÊNCIAS

ALVES, Isidoro. *O carnaval devoto – um estudo sobre a festa de Nazaré, em Belém*. Petrópolis: Vozes, 1980.

AMARAL, Rita. *Festa à brasileira: significados do festejar, no país que “não é sério”*. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, USP, São Paulo, 1998.

AS FILHAS da Chiquita. Dir. Priscilla Brasil. Documentário, 52 min., cor, Brasil, 2006.

CONRADO, Mônica. “*É o amor se fazendo em carne*”: políticas, direitos, violência e homossexualidade: Pesquisa na 33ª Festa da Chiquita em Belém do Pará. NosMulheres/UFGPA, 2010. (mimeo.)

COSTA, Antônio Maurício Dias da. *Festa na cidade: o circuito bregueiro de Belém do Pará*. Belém: EDUEPA, 2009.

_____. A festa dentro da festa: recorrências do modelo festivo do circuito bregueiro no Círio de Nazaré em Belém do Pará. *Revista Campos*, 7(2), 2006. (p. 83-100)

COSTA, Francisco de Assis e outros. *O Círio de Nazaré: economia e fé*. Relatório Final. Núcleo de Altos Estudos Amazônicos/UFGA e Instituto de Economia/UFRJ. Belém, s/d. (mimeo.)

FACCHINI, Regina. Movimento homossexual no Brasil: recompondo um histórico. In: *Cadernos AEL: homossexualidade, sociedade, movimento e lutas*. Campinas. UNICAMP/IFCH/AEL, v. 10, nº 18/19, 2003.

_____. *Sopa de letrinhas? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 1990*. Rio de Janeiro. Garamond, 2005.

LIMA, Maria Dorotéa de. Círio de Nossa Senhora de Nazaré em Belém/PA. In: MOREIRA, Eliane e outros (org.). *Anais do Seminário Patrimônio Cultural e Propriedade Intelectual: proteção do conhecimento e das impressões culturais tradicionais*. Belém: CESUPA/MPEG, 2005. (p. 55-69)

MAGNANI, José Guilherme. De Perto e de Dentro: notas para uma etnografia urbana. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 17, nº 49, 2002.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. Histórico do Círio de Nazaré. In: SILVA, Jackson da. (org.). *Círios de Nazaré*. Belém: Graphitte, 2000.

MEDRADO, Benedito. *Performatividades de gênero, violência e sexualidade em movimentações político-culturais: a produção de sujeitos e estéticas políticas em Belém e Recife*. Projeto de Pesquisa aprovado no Edital MCT/CNPq/SPM-PR/MDA nº 020/2010 – Seleção pública de propostas para pesquisas em temas de Relações de Gênero, Mulheres e Feminismos. Brasília, CNPq, 2010. (mimeo.)

O LIBERAL, Belém, 26/08/2012. Cadernos Atualidades, p. 3.

PANTOJA, Vanda. *Negócios sagrados: reciprocidade e mercado no Círio de Nazaré*. Dissertação (Mestrado Ciências Sociais). Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. UFGA. Belém, 2006.

RODRIGUES, Carmem Izabel. À beira do Rio Guamá... um bairro em movimento. In: BELTRÃO, Jane Felipe e VIEIRA JUNIOR, Antônio Otaviano (org). *Conheça Belém, Co-memore o Pará*. Belém. EDUFPA, 2008a (p. 93-107)

_____. *Vem do bairro do Jurunas: sociabilidade e construção de identidades em espaço urbano*. Belém. Editora do NAEA, 2008b.

SILVA FILHO, Milton Ribeiro da. *Na rua, na praça, na boate: uma etnografia da sociabilidade LGBT no circuito GLS de Belém-PA*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais, área de concentração em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. IFCH/UFPA. Belém, 2012.

_____. *A filha da Chiquita Bacana: uma etnografia da Festa da Chiquita em Belém do Pará*. Projeto de Tese apresentado para seleção do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal do Pará. Belém, 2011.

_____. *Na rua, na praça, na boate: uma etnografia do circuito GLS e dos momentos de sociabilidade pública LGBT de Belém- PA*. Projeto de Qualificação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal do Pará, Belém, 2011.

_____. No sábado à noite é só deixar a santa passar: uma etnografia da Festa da Chiquita em Belém do Pará. In: *Anais Eletrônicos do XI Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais*, Salvador, Bahia, 2011. Disponível em <http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1308345555_ARQUIVO_Trabalhocompleto_XICONLAB.pdf>. Acesso em 26 Set. 2011.

_____. No sábado à noite é só deixar a santa passar: uma etnografia da Festa da Chiquita em Belém do Pará. In: **Actas de X CAAS**, Buenos Aires, Argentina, 2011. Disponível em <<http://xcaas.org.ar/grupostrabajosesiones.php?eventoGrupoTrabajoCodigoSeleccionado=GT18>>. Acesso em 10 Jan. 2012.

VELHO, Gilberto e MACHADO, Luiz Antônio. Organização social do meio urbano. In: *Anuário Antropológico/76*. Rio de Janeiro: Tempo

Brasileiro, 1977.

VELOSO, Caetano. *A filha de Chiquita Bacana*. In: _____. Muitos Carnavais. Polygram/Philips. 1989 [LP 1977]. 1 CD. Remasterizado em digital.

Sites, Blogs e Páginas da Web (capturados no dia 18 de março de 2011)

Santa Luzia Ponto Com

<http://santaluziapontocom.blogspot.com/2010/10/festa-da-chiquita-o-cirio-profano.html>

Vagalume

<http://www.vagalume.com.br/caetano-veloso/a-filha-de-chiquita-bacana.html#ixzz1Otq2mmgv>

Pará Diversidade

<http://paradiversidade.com.br/2010/?p=348>

Diário do Pará Online

<http://www.diarioonline.com.br/noticias-interna.php?nIdNoticia=111516>

<http://www.diarioonline.com.br/noticias-interna.php?nIdNoticia=111259>

Diário do Pará

<http://diariodopara.diarioonline.com.br/N-115160-FESTA+DA+CHIQUITA++TRADICAO+E+POLEMICA+SE+RENOVAM.html>